



360°
CIÊNCIA DESCOBERTA

13 fevereiro 2013 | 18:00
Auditório 2
Fundação Calouste Gulbenkian

A história natural enquanto ponto de encontro: Encontros globais Luso-Neerlandeses e o estudo da natureza, 1500-1650
Florike Egmond
Universidade de Leiden, Holanda

Entre 1500 e 1650, dois países Europeus de marinheiros e relativamente pequenos – Portugal e os Países Baixos – criaram impérios marítimos que abarcaram o mundo. Inevitavelmente, confrontaram-se um com o outro, também de forma violenta, especialmente na Ásia (Índia, Japão e no arquipélago Indonésio), durante a segunda metade do séc. XVI, e no Brasil, durante a primeira parte do séc. XVII. A natureza, sob a forma de plantas e animais, constituiu uma das principais questões desse confronto. Afinal de contas, as especiarias, tais como o cravinho, a noz-moscada, a pimenta e a canela, são plantas. Os novos medicamentos desse período eram baseados em plantas exóticas. E os Europeus esperavam, à semelhança do que se passa na atualidade, que a natureza exótica detivesse a chave para novos medicamentos, alimentos e produtos até então inimagináveis. Mas, em muitos casos, a procura de informação sobre a natureza exótica ia para além do comércio e do interesse exclusivamente pragmático, fazendo parte do esforço científico para compreender e dar sentido à riqueza e variedade da natureza, dentro da Europa e fora dela.

Habitualmente, a história da ciência é apresentada em termos nacionais e com nomes sonantes. Mas uma discussão sobre o conhecimento crescente da natureza exótica nos impérios marítimos Português e Neerlandês do período de 1500-1650, exige uma abordagem diferente, sem, obviamente, esquecer naturalistas como Garcia da Orta ou Carolus Clusius. As fronteiras nacionais não eram totalmente claras nesses impérios mundiais. A natureza exata da própria ciência natural ainda não tinha sido estabelecida; e as pessoas e os objetos (incluindo animais e plantas) circulavam e viajavam.

Consequentemente, nesta apresentação, iremos olhar de um modo talvez invulgar para as pessoas e as suas contribuições para o conhecimento da natureza exótica nas zonas de contacto dos impérios marítimos Português e Neerlandês (primeiro na Ásia, posteriormente no Brasil), e para as formas como a informação relativa à natureza exótica chegava à Europa. Veremos que estes impérios não eram de nenhum modo entidades fechadas e que – talvez



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



360°
CIÊNCIA DESCOBERTA

surpreendentemente – os Neerlandeses trabalhavam para os Portugueses; os Italianos estavam envolvidos tanto na exploração como na divulgação sobre a natureza; a região Sul dos Países Baixos foi essencial para o comércio de elementos naturais bem como para a impressão dos conhecimentos científicos sobre aqueles; enquanto muitos naturalistas que trabalhavam para os Neerlandeses eram, de facto, Alemães. Por isso, em vez de impérios marítimos baseados em nações, temos de olhar para redes de conhecimento globais porosas e intrincadamente ligadas.

O novo conhecimento sobre o mundo natural não se refletiu, de modo algum, apenas em livros eruditos: a variedade de meios de comunicação era muito maior, indo desde plantas secas e animais empalhados, a desenhos, pinturas, tapeçarias e outros têxteis, a arte decorativa com referências a plantas e a animais, e a descrições dos elementos naturais em cartas e álbuns, a medicamentos, a objetos feitos de partes de animais, de frutos secos ou frutas e, inclusivamente, até às próprias plantas e animais vivos. Analisaremos especialmente material visual, por vezes de fontes pouco conhecidas e apenas recentemente descobertas em coleções Europeias de modo a ver como a natureza era observada e estudada nos impérios globais Português e Neerlandês dos séculos XVI e XVII.

FLORIKE EGMOND

Dr Florike Egmond is a Dutch historian who lives in Rome and works for the University of Leiden in research projects funded by the Dutch National Research Council (NWO). She is a fellow of the Scaliger Institute of Leiden University and participates in a number of European research projects concerning early modern history of science and in particular the history of natural history. She was trained as a socio-economic and cultural historian, has taught history and social sciences at several Dutch universities, and has worked for a number of years at the National Archive in The Hague.

She specializes in the sixteenth- and seventeenth-century history of natural history, working on international European as well as intercontinental exchanges of knowledge about animals and



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



plants and on the origins of the natural sciences as scientific disciplines. Her most recent book (2010) concerns the European network and exchanges of one of the most famous sixteenth-century botanists, Carolus Clusius. Currently (2010-14) she is working specifically on the visual culture of early natural history, with a special focus on albums with original drawings of plants and animals from this period. On this topic she is preparing a new book provisionally entitled *Eye for detail: drawing and describing living nature (1550-1640)*.

Recent books:

- *The World of Carolus Clusius. Natural History in the Making, 1550-1610* (London, 2010)
- *Carolus Clusius. Towards a cultural history of a Renaissance naturalist*, edited by Florike Egmond, Paul Hoftijzer and Robert Visser (Amsterdam, 2007)
- *Correspondence and Cultural Exchange in Early Modern Europe 1400-1700*, edited by Francisco Bethencourt and Florike Egmond (Cambridge, 2007)
- *The Whale Book. Whales and other marine animals as described by Adriaen Coenen in 1585*, edited and with an introduction by Florike Egmond and Peter Mason (London, 2003)
- *Bodily Extremities. Preoccupations with the Human Body in Early Modern European Culture*, edited by Florike Egmond & Robert Zwijnenberg (Aldershot, 2003).



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN